

## DOIS CASOS

27-11-57

«UM dia um cisne morrerá por certo...». Mas o poeta Júlio Salusse nunca pensou que um casal de cisne pudesse ter um destino tão ignóbil como o dêsse que o Zoo de Zurich mandou para o Zoo do Rio. Não foi em um «manso lago azul» que um dos cisnes morreu: foi trancado em um caixote dentro do armazém da Alfândega.

Não sei qual o funcionário culpado; mas o silêncio do inspetor gérál em tôrno nesse caso mostra uma insensibilidade tão completa que o culpado fica sendo êle. Ninguém cuidou de avisar o diretor do Jardim Zoológico da chegada dos cisnes. Ninguém pensou sequer em lhes dar água e comida. Eles ficaram lá trancados na escuridão de um armazém sábadó e domingo. Um morreu; o outro ainda pôde ser salvo a tempo.

Por que a Sociedade Protetora dos Animais não move um processo contra êsses covardes assassinos de um cisne? Ela poderia se redimir assim do ridículo em que caiu ao protestar contra a viagem da cachorrinha «Damka», viagem que até o Papa justificou.

Os crimes da República são muitos; mas o que me parece grave é essa perda de sensibilidade. Um govêrno cujos agentes começam a matar cisnes a sêde e fome, com absoluta impunidade, me parece no caminho de tôdas as infâmias. «Como poderíamos viver se não fôssem os cisnes?» — perguntáva líricamente Disraeli, enlaçado à sua velha espôsa. Pois nôssa República passa muito bem sem cisnes, e deixa morrer um que lhe mandam de presente. O cisne morreu porque cisne, em leilão da Alfândega, não dá comissão gorda a funcionário nenhum; morreu, ficou morto e não se fala mais no assunto.

A estupidez burocrática, o desleixo, a inconsciência, o mau gôsto, a calhordice profunda de uma burocracia corrompida e velhaca têm na morte dêsse cisne um símbolo doloroso.

Vimos outro dia um modesto funcionário do Hospital Miguel Couto atender a uma cabra ferida. Por maldade ou por acaso alguém a baleou, e o pobre bicho, não se sabe porque, procurou o hospital. Um empregado viu que ela estava ferida, extraiu-lhe a bala, cuidou o ferimento, alimentou a cabra. Um pequeno fato como êsse torna a vida de uma cidade grande como o Rio menos feia e impiedosa; dá-lhe a graça da bondade e da poesia. Um gesto dêsses ilumina o noticiário de um dia, faz bem à alma de tôda a gente. Mas a agonia silenciosa daquele cisne na escuridão de um armazém burocrático nos lembra que de qualquer modo precisamos estar preparados para esperar o pior. Deixar sem punição, sem uma advertência sequer, êsse funcionário vagabundo e sádico, que merecia passar dois dias de fome no fundo de um xadrez, mostra que estamos desarmados contra a Estupidez — êsse monstro mais assassino do que todos.